

Perspectivas para a

AGROPECUÁRIA

safrá 2026/27

VOLUME 14



PARCERIA:



Perspectivas para a

AGROPECUÁRIA

safrá 2026/27

VOLUME 14

Perspec. agropec., Brasília, v.14 - safra 2026/27, p. 1-42, set. 2026
ISSN 2318-3241

Coordenação: Naiara Andreoli Bittencourt

Supervisão: Candice Mello Romero Santos

Carnes: Gabriel Rabello Correa, Wander Fernandes de Sousa

Grãos: Adonis Boeckmann e Silva, Bruno de Souza Machado, Frederico Vaz Sampaio, Gabriel Rabello Correa, Giovanna Bispo Tibaldi, Julia de Sousa Pinheiro, Leonardo Amazonas, Sérgio Roberto dos Santos Junior

Safras: Carlos Eduardo Gomes Oliveira, Cleverton Tiago Carneiro de Santana, Eledon Pereira de Oliveira, Fabiano Borges de Vasconcellos, Luciana Gomes da Silva, Marco Antônio Garcia Martins Chaves, Martha Helena de Macedo, Patrícia Maurício Campos, Pedro Muller Metsavaht Salomão

Projeções econômicas e modelagens estatísticas: André Luis Zorzi, Andrey Luis dos Santos Robinson, Bernardo Nogueira Schlemper, Gabriel Rabello Correa, Scarlett Queen Almeida Bispo

Conjuntura Macroeconômica: Andrey Luis dos Santos Robinson, Bruno de Souza Machado, Felipe Augusto Oliveira Rezende, Frederico Vaz Sampaio, Júlia de Sousa Pinheiro

Crédito Rural: Jefferson Piccini de Lima Silva e Vinicius Veras Sousa

Colaboração: Sued Wilma Caldas Melo, Felipe Augusto Oliveira Rezende, Flavia Agnello Silva Bravo

Apoio: Superintendências Regionais da Conab

Editoração: Superintendência de Marketing e Comunicação – Sumac / Gerência de Eventos e Promoção Institucional - Gepin

Diagramação e projeto gráfico: Marília Yamashita

Normalização: Marcio Canella Cavalcante CRB 1/2221

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

C737r

Companhia Nacional de Abastecimento.

Perspectivas para a Agropecuária / Companhia Nacional de Abastecimento – v.1
– Brasília : Conab, 2013-
v.

Disponível em: www.gov.br/conab

ISSN: 2318-3241

Anual

1. Produção agrícola. 2. Custo de produção. 3. Comércio interno. 3. Comércio externo. I. Título.

CDU: 338.5(05)

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento

Superintendência de Gestão da Oferta

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6240

sugof@conab.gov.br

www.gov.br/conab

SUMÁRIO

Apresentação	6
Conjuntura macroeconômica	9
Crédito rural	17
Perspectivas - Grãos	23
Algodão	24
Arroz	26
Feijão	28
Milho	30
Soja	32
Perspectivas - Carnes	35
Bovinos	36
Frango	38
Suínos	40



APRESENTAÇÃO

A agropecuária brasileira ocupa posição estratégica na economia nacional, com expressiva capacidade produtiva, geração de renda e participação no comércio internacional. Sua configuração reúne diferentes sistemas produtivos, cadeias agrícolas, escalas de produção, formas de organização e inserção nos mercados, em um território marcado por ampla diversidade ambiental, econômica e social.

A escala continental do país e suas distintas condições de produção contribuem para uma agropecuária heterogênea. A produção empresarial de larga escala apresenta elevados níveis de produtividade, incorporação tecnológica e capacidade produtiva, com forte inserção nos mercados nacional e internacional. A agricultura familiar reúne ampla diversidade de estabelecimentos, produtos, sistemas produtivos e formas de organização, com presença relevante na produção de alimentos e no abastecimento local e regional.

As sucessivas safras de elevada produção demonstram a rentabilidade alcançada pela agropecuária brasileira e constituem importante ativo econômico do país. Seus resultados repercutem sobre a geração de renda, a dinâmica dos mercados, as exportações e a balança comercial. A análise do abastecimento e da segurança alimentar e nutricional envolve, por sua vez, dimensões, relacionadas à composição e a destinação da produção, à disponibilidade e diversidade de alimentos, às condições de comercialização e distribuição e ao acesso da população.

A produção de alimentos, fibras e energia está presente em todas as regiões do país, com sistemas produtivos que, em determinadas culturas e localidades, possibilitam a realização de até três safras por ano. No segmento de grãos, milho e soja respondem conjuntamente por cerca de 90% da produção nacional, evidenciando a concentração da produção e o papel das commodities agrícolas na estrutura produtiva e exportadora brasileira.

A agricultura familiar desempenha papel estratégico na diversificação do abastecimento alimentar. A pluralidade de estabelecimentos, sujeitos, produtos e sistemas produtivos amplia a oferta de alimentos, fortalece mercados locais e regionais e contribui para o acesso a alimentos saudáveis. Assentamentos da reforma agrária, povos indígenas e povos e comunidades tradicionais integram essa sociodiversidade. Políticas públicas de produção, comercialização e abastecimento são instrumentos relevantes para o fortalecimento desses segmentos e de sua inserção nos mercados.

A diversidade de estruturas produtivas, produtos, agentes, territórios e mercados exige que a agropecuária brasileira seja analisada a partir de suas diferentes dinâmicas. Produção, produtividade, preços, custos, renda, abastecimento, consumo e comércio exterior respondem de forma distinta às condições econômicas, climáticas, tecnológicas, logísticas e geopolíticas. Essa multiplicidade de fatores torna especialmente relevante a produção de informações capazes de identificar tendências, riscos e oportunidades para cada mercado.

Neste contexto, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) apresenta a 14ª edição da **Perspectivas para a Agropecuária – Safra 2026/27**, publicação anual dedicada à divulgação de dados e análises prospectivas sobre o comportamento dos mercados dos principais produtos acompanhados pela Companhia: algodão, arroz, feijão, milho e soja, entre os grãos, e carnes bovina, de frango e suína.

Nesta edição, são apresentadas estimativas de produção, produtividade e área, além de análises de oferta, demanda e perspectivas de exportação para cada produto. A publicação incorpora elementos da conjuntura macroeconômica e internacional e considera fatores capazes de produzir efeitos distintos entre produtos, regiões e mercados.

Entre os elementos que compõem esse cenário estão os riscos climáticos, as condições macroeconômicas, as oscilações dos mercados internacionais, os custos e a disponibilidade de insumos, as condições logísticas e as mudanças nos fluxos comerciais. Para a safra 2026/27, destacam-se as possíveis repercussões do fenômeno El Niño, o retorno de práticas protecionistas no comércio internacional e um ambiente de crescentes incertezas geopolíticas.

A **Perspectivas para a Agropecuária – Safra 2026/27** reafirma o compromisso da Conab com a produção e a divulgação de informação pública qualificada. Ao organizar dados e análises prospectivas, a publicação busca contribuir para a compreensão dos diferentes cenários que se apresentam para a agropecuária brasileira, considerando suas especificidades produtivas e regionais e os fatores que poderão influenciar o desempenho dos mercados ao longo da próxima safra.

Naiara Andreoli Bittencourt

Diretora-Executiva de Política Agrícola e Informações da Conab

e

Silvio Isoppo Porto

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento



CONJUNTURA MACROECONÔMICA

INTRODUÇÃO

O dinamismo do setor agropecuário brasileiro tem contribuído de forma relevante para o desempenho da economia nacional. A maturidade tecnológica alcançada pela produção rural, aliada à notável capacidade adaptativa dos produtores diante de diferentes desafios, sejam de ordem econômica, climática ou geopolítica, confirmam o Brasil como um dos principais produtores e exportadores mundiais. A relevância estratégica do setor, contudo, ultrapassa sua contribuição para o crescimento econômico e a geração de divisas. A agricultura e a pecuária brasileira contribuem significativamente para a regularidade do abastecimento interno e para a oferta de alimentos em quantidade, qualidade e diversidade adequadas, contribuindo, assim, para garantir o acesso da população a uma alimentação adequada e para fortalecer a segurança alimentar e nutricional da população brasileira.

A dinamização do setor agropecuário explica seu desempenho nos últimos anos. Esse resultado decorre de uma atuação complementar da agricultura familiar e do extrativismo sustentável, centrais para a produção de alimentos, a geração de renda e a pluralidade das economias locais, e da agricultura empresarial, estratégica para o abastecimento do mercado interno e para as exportações. O fortalecimento de ambos os segmentos tem sido apoiado por instrumentos de crédito, assistência técnica e políticas de estímulo à produção e à comercialização.

Para a safra 2026/27, permanecem os desafios econômicos, climáticos e geopolíticos, uma vez que a produção agropecuária brasileira pode enfrentar externalidades de um cenário global em que se sobrepõem riscos diversos: os de ori-

gem geopolítica, com possíveis repercussões sobre os fluxos internacionais de comércio; os efeitos prováveis de eventos climáticos potencialmente extremos, por ocasião do fenômeno El Niño; e a persistência de incertezas no ambiente econômico internacional, especialmente quanto ao comportamento das taxas de câmbio, dos preços das commodities e à evolução dos custos de insumos agrícolas. Esses fatores já estão afetando os custos de produção, a comercialização e a rentabilidade do setor agropecuário brasileiro.

As oportunidades, nesse cenário, são igualmente relevantes, à medida que os desafios existentes podem também impulsionar avanços capazes de ampliar a produtividade, a competitividade, a rentabilidade do setor e a manutenção do abastecimento. Entre essas oportunidades, destacam-se o aprofundamento da adoção de tecnologias no campo, inclusive as tecnologias sociais e comunitárias, com potencial para elevar a eficiência produtiva e a capacidade de adaptação às adversidades climáticas; a diversificação dos destinos das exportações, por meio da abertura e consolidação de novos mercados consumidores e; o fortalecimento de políticas públicas voltadas à formação de estoques públicos, produtividade, sustentabilidade e resiliência da agropecuária brasileira.

CONJUNTURA

O Banco Mundial, conforme relatório *Global Economic Prospects* (junho de 2026), projeta que o crescimento da economia mundial desacelere de 2,9% em 2025 para 2,5% em 2026, a menor taxa desde a pandemia de Covid-19. Esse estágio do ciclo econômico global reflete os efeitos cumulativos das políticas monetárias restritivas adotadas para conter a inflação, as tensões geopolíticas que elevaram os preços da energia e as incertezas no comércio internacional. Para o setor agropecuário, esse cenário tende a moderar o crescimento da demanda global por commodities, ao mesmo tempo em que amplia a volatilidade dos preços internacionais e dos fluxos comerciais.

As tensões geopolíticas também repercutiram sobre o mercado internacional, com efeitos sobre a produção agrícola brasileira. A escalada do conflito entre Estados Unidos e Irã, acompanhado por uma sucessão de acordos inconclusivos

acerca da navegação no Estreito de Ormuz, mantém os preços de fertilizantes voláteis e com tendências altistas. A elevação dos preços do gás natural, principal insumo utilizado na produção de fertilizantes nitrogenados, associada às incertezas quanto à oferta global e às dificuldades logísticas, contribuiu para o aumento das cotações desses insumos ao longo do primeiro semestre de 2026.

De maneira associada, a intensificação das disputas comerciais entre as principais economias globais também reforça o aumento das incertezas no cenário internacional. A imposição de tarifas unilateralmente aplicadas pelos Estados Unidos à importação de bens, especialmente de produtos agrícolas, tem alterado os fluxos globais de comércio e redirecionado mercados para diversos produtos agropecuários.

A prevalência de riscos geopolíticos desta ordem também produz efeitos no que se refere ao mercado de energia. A elevada volatilidade do preço do petróleo no primeiro semestre de 2026 influencia diretamente os mercados agrícolas, afetando os custos de transporte, fertilizantes e biocombustíveis, dado um cenário de forte concentração do modal rodoviário para o escoamento da produção agrícola brasileira. Em particular, no caso dos biocombustíveis, preços mais elevados de energia tendem a aumentar sua competitividade em relação aos combustíveis fósseis, influenciando as decisões de produção de etanol e de biodiesel.

Apesar da redução das tensões observada após os acordos de cessar-fogo, os preços da energia permaneceram cerca de 25% acima dos níveis registrados antes do agravamento do conflito, mantendo pressões sobre os custos de produção e transporte. Esse ambiente elevou as expectativas inflacionárias e levou os mercados a projetarem taxas de juros mais altas, com possíveis reflexos negativos sobre o investimento, o consumo e o crescimento econômico mundial.

Nesse contexto, o Fundo Monetário Internacional (FMI), no Relatório *World Economic Outlook Update* (julho de 2026), projeta que a inflação global aumente de 4,1% em 2025 para 4,7% em 2026, recuando para 3,9% em 2027.

Em particular, o *Federal Reserve* (Fed) tem adotado um discurso mais cauteloso em relação à taxa de juros. Embora tenha mantido a taxa básica entre 3,5% e 3,75% pela quinta reunião consecutiva, segue constantemente indicando sua preocupação com a inflação, o que acaba por reforçar expectativas de juros elevados por mais um tempo.

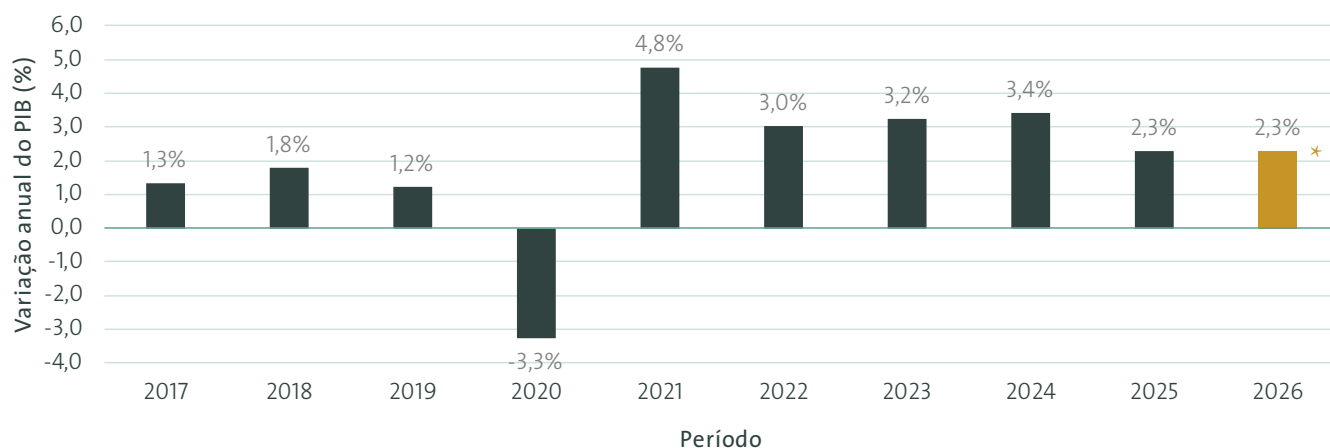
Esse cenário de juros elevados nos EUA tende a fortalecer o dólar, o que impacta o setor agropecuário de forma ambígua. Por um lado, a depreciação do real frente ao dólar aumenta a competitividade das exportações brasileiras em termos de preço, beneficiando cadeias como soja, milho e carnes. Por outro lado, eleva os custos de produção em reais, uma vez que insumos como fertilizantes (cujo preço internacional já está em patamares elevados) e máquinas agrícolas têm seus preços corrigidos pela moeda estrangeira. Esse duplo efeito exigirá dos produtores uma gestão financeira mais atenta às flutuações cambiais ao longo da safra.

Além disso, a manutenção de uma política monetária restritiva nos EUA, ao moderar o crescimento econômico global, tende a limitar o ritmo de expansão da demanda por commodities agrícolas no mercado internacional e a manter condições de financiamento mais restritivas para o setor agropecuário.

A esta dinâmica de comércio internacional soma-se fatores do ambiente econômico doméstico, como o ritmo de crescimento da atividade, a inflação, a política monetária e as condições de crédito, compondo o panorama macroeconômico no qual se insere o setor agropecuário.

Nesse contexto, a conjuntura econômica brasileira encontra-se num quadro macroeconômico marcado pela interação entre as pressões externas e desafios internos. Após registrar crescimento de 2,3% em 2025, o Produto Interno Bruto (PIB) real apresentou um crescimento de 1,8% no primeiro trimestre de 2026, em relação ao mesmo período do ano anterior. Para 2026, o Ministério da Fazenda projeta crescimento de 2,3%, mantendo-se, portanto, o mesmo ritmo de expansão observado em 2025. Para 2027, as perspectivas apontam para a continuidade do crescimento da atividade econômica, embora haja divergências quanto à sua intensidade. Enquanto o Ministério da Fazenda projeta expansão de 2,3%, a mediana das expectativas de mercado reunidas pela pesquisa Focus indica crescimento de 1,5%, refletindo distintos cenários para a evolução da econômica brasileira.

GRÁFICO 1. Crescimento do PIB

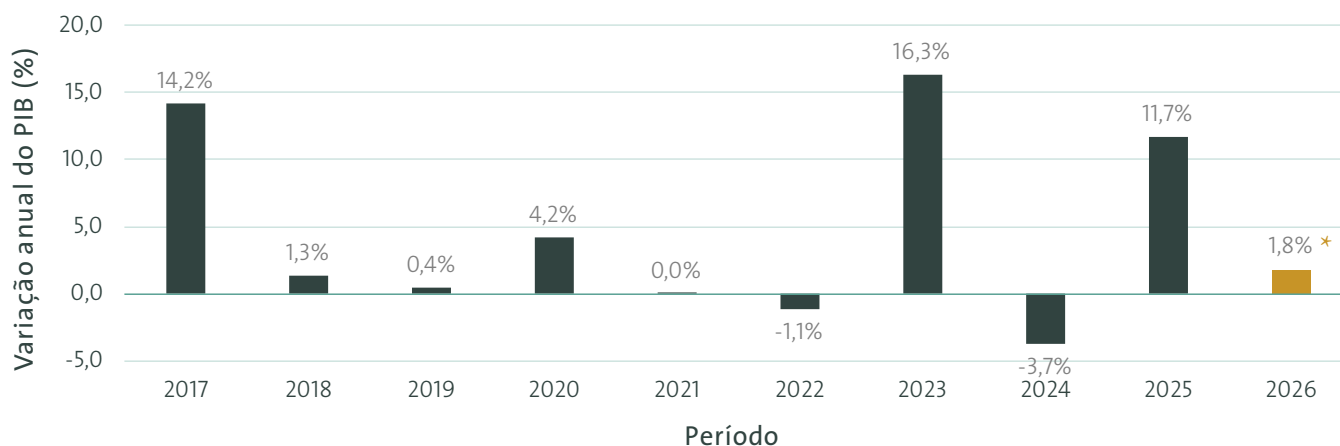


Fonte: IBGE e MF-SPE

Nota: *Valor para 2026 é uma projeção feita pela Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda em julho para o PIB real dessazonalizado.

Em relação aos setores econômicos, o setor primário apresentou um crescimento real de 11,7% em 2025 em comparação a 2024 e, no primeiro trimestre de 2026, registrou expansão de 0,7% frente ao mesmo trimestre do ano anterior. Para 2026, entretanto, as projeções apontam para uma desaceleração do setor, com crescimento estimado em 1,8%. Esse movimento ocorre após a elevada base de comparação estabelecida em 2025 e sinaliza uma normalização do ritmo de expansão da atividade agropecuária.

GRÁFICO 2. Crescimento do PIB Agropecuário



Fonte: IBGE e MF-SPE

Nota: *Valor para 2026 é uma projeção feita pela Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda em julho de 2026 para PIB agropecuário real dessazonalizado.

Sobre a dinâmica dos preços das commodities, o Índice de Commodities Brasil – Agropecuária (IC-Br) mostra uma variação mensal de 1,5% em julho. O IC-Br é um indicador que acompanha os preços dos principais produtos agrícolas e pecuários da economia brasileira. Ele serve para medir a tendência do mercado, ajudando a monitorar a inflação e a volatilidade do setor primário. Além dos efeitos sobre a renda dos produtores e sobre as exportações, as variações nos preços das commodities podem influenciar as condições de comercialização e de abastecimento no mercado interno, com repercussões sobre os preços dos alimentos e, consequentemente, sobre a inflação doméstica.

No que se refere à inflação doméstica, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulou alta de 4,44% em 12 meses encerrados em julho de 2026. Após permanecer dois meses acima do limite superior da meta, estipulada em 4,5% para o ano de 2026, o índice retornou para esse intervalo. Ainda assim, a inflação permanece acima do centro da meta, de 3,0% para este ano, mantendo a necessidade de cautela na condução da política monetária.

Nesse contexto, a taxa básica de juros (Selic) encontra-se no nível de 14% ao ano. O Comitê de Política Monetária (Copom) deu continuidade ao ciclo de flexibilização iniciado em março e, em sua reunião de agosto de 2026, reduziu a taxa Selic em 0,25 ponto percentual. Embora o ciclo de flexibilização monetária sinalize uma redução gradual das restrições sobre a atividade econômica, o nível ainda elevado da taxa de juros mantém as condições de financiamento relativamente restritivas. No setor agropecuário, esse cenário ganha especial relevância diante da elevada necessidade de recursos para o financiamento das atividades produtivas.

Nesse sentido, outro aspecto relevante e de necessária consideração diz respeito ao crédito rural, uma vez que as condições restritivas de financiamento têm um potencial de repercussão significativo sobre o crédito, o investimento e os custos financeiros da produção agropecuária. A contratação de crédito deverá considerar não apenas a disponibilidade de recursos, mas também seus efeitos sobre os custos e a capacidade de pagamento dos produtores. Essa avaliação ganha relevância diante das incertezas associadas ao comportamento dos preços agropecuários e dos custos de produção, que afetam diretamente as margens da atividade. Assim, as condições de financiamento deverão permanecer entre os fatores relevantes para as decisões dos produtores ao longo da safra 2026/27. Em particular, o Plano Safra prevê R\$ 525,1 bilhões em crédito para a agricultura empresarial e R\$ 85,2

bilhões para a agricultura familiar, por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf).

Além de assegurar recursos para o custeio e a comercialização da produção, o crédito rural desempenha papel relevante na adaptação da atividade agropecuária aos desafios climáticos. Nesse sentido, a ampliação de linhas de financiamento voltadas à adoção de práticas sustentáveis ganha importância em um cenário de maior frequência e intensidade de eventos climáticos adversos.

O setor agropecuário tem enfrentado, nos últimos anos, eventos climáticos que afetam diretamente o desenvolvimento das atividades no campo. Secas prolongadas e chuvas fora de época geram prejuízos e insegurança para quem depende da terra para viver. Por conta desse cenário, técnicas como o plantio direto, a integração lavoura-pecuária-floresta, o manejo eficiente de dejetos animais e a recuperação de pastagens degradadas ganharam espaço. Elas preservam o solo e a água, aumentam a produtividade por hectare e contribuem para a maior resiliência da produção às mudanças climáticas, reduzindo sua vulnerabilidade a choques adversos e contribuindo, assim, para a regularidade do abastecimento interno mesmo diante de possíveis condições climáticas desfavoráveis.

Mudanças parecidas atingem a matriz energética das propriedades rurais. A geração solar distribuída, os biodigestores para tratamento de dejetos com produção de biogás e o uso de biofertilizantes e bioinsumos reduzem custos operacionais e emissões. Somadas à recuperação de pastagens e aos sistemas agroflorestais, essas práticas ainda favorecem o sequestro de carbono no solo.

Nesse contexto, um dos desdobramentos mais relevantes do setor é a consolidação do mercado de carbono como instrumento econômico para o campo. Essas práticas, somadas à conservação de vegetação nativa, geram créditos negociáveis.

Por fim, cabe destacar que os efeitos da conjuntura macroeconômica não se distribuem de maneira homogênea entre as regiões, cadeias e diferentes arranjos produtivos que caracterizam a agropecuária brasileira. Produtos e sistemas produtivos com maior inserção no mercado externo tendem a responder de forma mais direta às variações cambiais, aos preços internacionais e às condições de demanda global, enquanto cadeias predominantemente destinadas ao mercado interno podem apresentar maior sensibilidade às condições domésticas de crédito, renda, custos de produção e logística e demanda interna. Essa heterogeneidade reforça a

importância de um acompanhamento regionalizado da produção, dos mercados e das condições de abastecimento.

Diante desse cenário, a análise das perspectivas para a agropecuária requer uma visão integrada, capaz de considerar, simultaneamente, as dimensões econômica, social, alimentar e ambiental dessa atividade. O acompanhamento constante da produção, dos mercados, dos preços e das condições de abastecimento, associado à disseminação de informações qualificadas, amplia a capacidade de antecipar riscos e identificar oportunidades para o setor. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido pela Conab contribui para reduzir incertezas e fornecer subsídios à tomada de decisão e à formulação de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento da atividade agropecuária, à regularidade do abastecimento e à segurança alimentar e nutricional da população.



CRÉDITO RURAL

O agronegócio brasileiro iniciou a safra 2026/27 em um ambiente marcado por transformações relevantes nos mercados, avanços tecnológicos e maior atenção à sustentabilidade e à gestão de riscos. A crescente demanda global por alimentos, fibras, bioenergia e produtos de origem sustentável continua abrindo espaço para o Brasil ampliar sua participação nos mercados nacionais e internacionais. Ao mesmo tempo, fatores como instabilidade geopolítica, volatilidade dos preços das commodities, custos de produção e eventos climáticos extremos exigem cada vez mais planejamento e capacidade de adaptação por parte dos produtores rurais.

Nesse contexto, o crédito rural permanece como um importante instrumento de desenvolvimento da agropecuária brasileira. Além de financiar o custeio das atividades produtivas, os investimentos em infraestrutura, armazenagem, irrigação, mecanização e inovação tecnológica, o crédito contribui para aumentar a competitividade do setor, fortalecer a segurança alimentar e nutricional e, ainda, apoiar a transformação sustentável da produção agropecuária.

CRÉDITO RURAL COMO IMPULSIONADOR

Ao longo das últimas décadas, o crédito rural foi decisivo para a modernização do campo brasileiro. A incorporação de máquinas, equipamentos, genética, conectividade, agricultura de precisão e sistemas mais eficientes de produção permitiu elevar os níveis de produtividade e consolidar o Brasil como uma das maiores potências agroalimentares do mundo.

O financiamento adequado possibilita que agricultores familiares, médios produtores, cooperativas e empresas rurais tenham acesso aos recursos necessários para expandir sua capacidade produtiva, agregar valor à produção e melhorar a eficiência de suas atividades.

Mais do que financiar uma safra, o crédito rural viabiliza investimentos que geram ganhos permanentes de produtividade, competitividade e geração de renda nas diversas regiões do país.

GESTÃO DE RISCOS EM AMBIENTE DE INCERTEZAS

Ao longo da evolução da agropecuária a observação e desenvolvimento de soluções para enfrentar problemas e continuar produzindo alimentos foi o que propiciou chegarmos ao nível de produção global atualmente e que nos permitirá continuar elevando a produção e garantindo a segurança alimentar mundial, mesmo em meio às adversidades.

Nesse contexto, a gestão de riscos passou a ser protagonista no planejamento das atividades agropecuárias. Secas, excesso de chuvas, ondas de calor, geadas e outros eventos climáticos têm impactado diferentes cadeias produtivas, evidenciando a necessidade de ampliar a resiliência das atividades agropecuárias.

O crédito rural assume papel estratégico ao permitir investimentos em tecnologias capazes de reduzir vulnerabilidades e aumentar a capacidade de adaptação dos sistemas produtivos.

Ganham cada vez mais relevância investimentos relacionados a:

- ◇ irrigação e uso eficiente da água;
- ◇ recuperação e conservação de solos;
- ◇ armazenagem;

- ◇ diversificação de atividades;
- ◇ energia renovável;
- ◇ sistemas integrados de produção;
- ◇ tecnologias de cultivo e condução das lavouras
- ◇ tecnologias de monitoramento climático e gestão operacional.

Além disso, instrumentos de proteção, como seguros rurais, estratégias de comercialização e mecanismos de mitigação da volatilidade de preços, tornam-se aliados importantes para preservar a sustentabilidade econômica do negócio rural.

Fenômenos climáticos como El Niño e La Niña continuarão exercendo influência significativa sobre a produção agropecuária brasileira. As alterações nos padrões de temperatura e precipitação observadas nos últimos ciclos produtivos reforçam a importância do monitoramento climático, do planejamento antecipado, da contratação de seguros rurais e da adoção de tecnologias voltadas à adaptação dos sistemas produtivos. Investir em irrigação, conservação de solo, diversificação produtiva, armazenagem e instrumentos de proteção financeira tornam-se cada vez mais relevantes para preservar a produtividade no campo, a renda do produtor e a sustentabilidade da atividade agropecuária.

TRANSFORMAÇÃO DIGITAL E INOVAÇÃO NO CAMPO

A agricultura brasileira vive um processo acelerado de transformação digital. O avanço da conectividade rural, da inteligência artificial, do sensoriamento remoto, da agricultura e pecuária de precisão e da análise de dados está modificando a forma como decisões são tomadas nas propriedades. As novas tecnologias permitem maior eficiência na utilização de insumos, melhor monitoramento das lavouras e rebanhos, redução de desperdícios e aumento da rentabilidade.

Nesse ambiente, novamente, o crédito rural exerce papel fundamental ao ampliar o acesso dos produtores às inovações tecnológicas necessárias para elevar a pro-

atividade e enfrentar os desafios futuros. A digitalização da atividade rural deixa de ser apenas uma oportunidade e passa a constituir elemento importante para a competitividade do setor.

SUSTENTABILIDADE, RASTREABILIDADE E NOVAS EXIGÊNCIAS DE MERCADO

A sustentabilidade deixou de ser apenas uma agenda regulatória para se transformar em fator estratégico de competitividade. Consumidores, indústrias, investidores e mercados internacionais demandam cada vez mais produtos cuja origem possa ser comprovada e que estejam associados a boas práticas ambientais, sociais e de governança.

Nesse contexto, cresce a importância de investimentos relacionados a regularidade ambiental, recuperação de áreas degradadas, certificações e rastreabilidade da produção, energias renováveis e conservação dos recursos naturais.

O produtor rural brasileiro vem demonstrando capacidade crescente de atender essas demandas, agregando valor à produção e ampliando seu acesso aos mercados mais exigentes.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA E REGULARIDADE DAS OPERAÇÕES DE CRÉDITO

A sustentabilidade da atividade agropecuária depende não apenas de produtividade e tecnologia, mas também de uma gestão financeira eficiente. E para auxiliar os produtores rurais a reorganizar seu fluxo de caixa, foram disponibilizadas medidas para apoiar produtores rurais afetados por adversidades climáticas e dificuldades conjunturais.

As Medidas Provisórias nº 1.314/2025 e nº 1.376/2026 constituem relevantes iniciativas de apoio ao setor agropecuário, contribuindo para a recuperação financeira dos produtores, a preservação da atividade econômica e a sustentabilidade dos empreendimentos rurais. Além disso, fortalecem a resiliência do agronegócio ao favorecer a adaptação aos desafios climáticos e a manutenção do crédito indispensável ao desenvolvimento do setor.

Importante destacar que, produtores que planejam adequadamente seus fluxos financeiros, acompanham custos, receitas e mantêm disciplina na condução de seus compromissos tendem a apresentar maior capacidade de enfrentar períodos de adversidade e de aproveitar oportunidades de crescimento.

Os produtores que mais se destacam atualmente apresentam características que vão além da eficiência produtiva. São empreendedores que utilizam tecnologia de forma estratégica, adotam práticas sustentáveis, investem em gestão e governança, realizam planejamento financeiro, buscam proteção contra riscos climáticos e de mercado, compreendem a importância da sucessão familiar e utilizam informações e dados para apoiar suas decisões.

A combinação entre conhecimento técnico, inovação, sustentabilidade e gestão financeira tem se mostrado um importante diferencial competitivo para o agro brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perspectivas para a safra 2026/27 reforçam a relevância do crédito rural como instrumento de desenvolvimento econômico, inclusão produtiva e fortalecimento da segurança alimentar. Em um ambiente caracterizado por rápidas transformações tecnológicas, climáticas e mercadológicas, o acesso ao crédito, aliado à gestão eficiente dos recursos e à manutenção da regularidade financeira das operações, continuará sendo determinante para a sustentabilidade do agronegócio brasileiro.

Nesse contexto, a oferta de crédito para diferentes culturas e atividades, de modo a apoiar iniciativas que promovam a inovação, produtividade, sustentabilidade e desenvolvimento regional são fundamentais para a construção de uma agropecuária cada vez mais resiliente, competitiva, sustentável e preparada para os desafios e oportunidades das próximas décadas.

Diretoria de Agronegócios e Agricultura Familiar do Banco do Brasil

GRÃOS





ALGODÃO

4,2 MILHÕES DE TONELADAS

PRODUZIDAS

0,3%

em relação a 2025/26



Nos últimos dez anos, a produção de algodão em pluma no Brasil registrou crescimento expressivo, mais que triplicando seu volume e duplicando sua área. A safra 2025/26 de algodão encerra com produção de 4,2 milhões de toneladas, superando o total produzido em 2024/25 e representando o maior volume já colhido no país. A redução da área cultivada foi compensada pela recuperação da produtividade, que registra **o maior patamar da série histórica**. A colheita confirma, de modo geral, bons rendimentos e qualidade satisfatória da fibra, apesar de diferenças localizadas.

A maior parte da produção é destinada à exportação, representando de 75% a 80% do total, com o restante do percentual destinado ao mercado interno. O avanço tecnológico, a utilização crescente da cultura em segunda safra e a possibilidade de contratação antecipada continuam sustentando a produção brasileira. Nos últimos anos, esse crescimento foi direcionado principalmente ao mercado externo, permitindo ao país ampliar sua participação no comércio mundial e conquistar novos destinos. A qualidade da fibra, a escala de produção e o calendário de comercialização favorecem a competitividade brasileira.

O volume exportado até julho de 2026 chega a 2 milhões de toneladas, conforme o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). A expectativa é que o ritmo de exportação permaneça intenso e que o ano de 2026 encerre com um volume acima de 3 milhões de toneladas. As indústrias realizam aquisições mais pontuais, diante da dificuldade de repassar o custo da matéria-prima aos produtos manufaturados, da concorrência dos importados e do comportamento moderado do consumo de artigos têxteis.

Nesse cenário, a produção elevada na temporada 2025/26 permite o crescimento das exportações e ao mesmo tempo assegura que os estoques de passagem permaneçam confortáveis. Para a safra 2026/27, a área plantada deve apresentar ligeiro crescimento, retornando ao patamar de 2024/25, com eventuais ajustes condicionados às margens e à competição com soja e milho. A demanda externa seguirá como principal sustentação, enquanto o câmbio, a evolução do consumo mundial e as condições climáticas determinarão o comportamento dos preços e da rentabilidade.

TABELA 1. Quadro de suprimentos - Algodão

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	710	1.618,2	2.167,3
2023/24	2.167,3	3.701,1	1,1	695	2.774,3	2.400,1
2024/25	2.400,1	4.081,5	0,8	720	3.026,0	2.736,5
2025/26	2.736,5	4.143,8	1,0	740	3.418,0	2.723,3
2026/27*	2.723,3	4.156,7	1,0	735	3.411,0	2.735,0

Fonte: Conab, Abit, Anea e Comexstat
Nota: * Projeção da safra 2026/2027
Em mil toneladas



ARROZ

10,76 MILHÕES DE TONELADAS

PRODUZIDAS

-2,9%

em relação a 2025/26



A definição da área de arroz para 2026/27 ocorre após um ciclo de forte redução da rentabilidade. O excedente formado na safra 2024/25 elevou a disponibilidade interna, pressionou as cotações ao longo da safra 2025/26 e reduziu o retorno econômico da cultura, criando um viés relevante de retração do plantio. A recuperação dos preços a partir do fim de julho de 2026, contudo, alterou parcialmente esse quadro: as cotações voltaram a superar o preço mínimo e alcançaram patamar mais atrativo para a decisão de plantio. A melhora não recompõe integralmente as margens, mas traz um novo ânimo para o plantio do grão, principalmente para algumas áreas de cultivo de arroz de segunda safra no centro do país. Contudo, no Rio Grande do Sul, principal estado produtor, a projeção é de retração de área no novo ciclo. Com isso, a estimativa de área para a cultura é de 1,53 milhão de hectares, refletindo em um ligeiro aumento em relação à safra 2025/26.

A produção de arroz é projetada em 10,76 milhões de toneladas, com redução de 2,9% em relação à safra 2025/26, explicada sobretudo pela produtividade de 7,032 kg/ha (3,7% menor que a safra anterior). A expectativa de ocorrência do fenômeno *El Niño* também adiciona risco à oferta de 2027, especialmente na região Sul, e parte relevante do setor produtivo já incorpora a possibilidade de menores rendimentos e produção em suas decisões comerciais e de plantio. Com consumo de 10,80 milhões de toneladas, importações de 1,30 milhão e exportações de 1,66 milhão, o estoque final poderá recuar para 1,4 milhão de toneladas. Esse ajuste reduz o excedente disponível e tende a sustentar preços mais firmes, embora custos elevados e margens ainda estreitas permaneçam como fatores de atenção para 2026/27.

TABELA 2. Quadro de suprimentos - Arroz

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL FEV
2022/23	846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9
2023/24	407,9	10.577,0	1.421,5	12.406,4	10.547,4	1.362,2	496,8
2024/25	496,8	12.757,5	1.317,7	14.572,0	10.863,8	1.883,8	2.188,2
2025/26	2.188,2	11.076,2	1.300,0	14.564,4	10.800,0	1.953,4	1.811,0
2026/27	1.811,0	10.756,8	1.300,0	13.867,8	10.800,0	1.663,6	1.404,2

Fonte: Conab, IBGE
Nota: * Projeção da safra 2026/2027
em mil toneladas



FEIJÃO



A produção brasileira de feijão em 2025/26 terminou ligeiramente abaixo da safra anterior. A redução da área cultivada foi parcialmente compensada pela recuperação da produtividade. As duas primeiras safras apresentaram menor produção, enquanto a terceira registrou desempenho mais favorável. A competição com outras culturas, os preços pouco remuneradores na definição do plantio e problemas fitossanitários contribuíram para a retração da produção total da leguminosa na safra 2025/26.

A produção distribuída em três safras permite resposta relativamente rápida às alterações de preços, mas também provoca alternância entre períodos de maior e menor disponibilidade. Como os estoques são reduzidos em relação ao consumo, mudanças moderadas na produção ou na qualidade podem gerar oscilações expressivas. O clima durante a colheita também influencia a oferta de produto de melhor padrão comercial.

No mercado de feijão-comum cores, o avanço da terceira safra aumentou a disponibilidade e pressionou as cotações. A retenção de lotes pelos vendedores, entretanto, vem limitando as quedas. No feijão-comum preto, a menor oferta mantém os preços mais sustentados, mesmo com uma demanda doméstica cautelosa. Em ambos os casos, os compradores permanecem seletivos e os lotes de melhor qualidade alcançam maior valorização.

Para a safra 2026/27, projeta-se leve redução na produção, bem próxima à estabilidade. O aumento de área é contrabalanceado pela expectativa de uma menor produtividade, decorrente principalmente do risco climático associado ao fenô-

meno *El Niño*. A retração prevista no Norte e Nordeste merece atenção para o feijão-caupi, importante tanto para o consumo regional quanto para as exportações, podendo reduzir o excedente disponível para o mercado externo. A possibilidade de maior oferta no Sul tende a favorecer o abastecimento de feijão-preto e carioca no Centro-Sul, embora qualidade, calendário de colheita e distribuição entre as variedades sejam determinantes.

Após o forte crescimento observado na safra 2024/25, as exportações deverão diminuir em razão da menor disponibilidade. Ainda assim, o mercado externo permanece relevante, principalmente para feijões do gênero *Vigna*, que amplia as alternativas de escoamento e possui participação importante na balança comercial, por atender mercados com perfil de consumo distinto daquele predominante no Brasil.

O consumo doméstico mantém caráter estrutural, por se tratar de alimento básico, embora apresente tendência gradual de redução em decorrência de mudanças nos hábitos alimentares. Como a produção nacional permanece próxima da demanda e os estoques são tradicionalmente reduzidos, oscilações relativamente pequenas na produtividade ou na qualidade podem provocar movimentos expressivos de preços.

Em termos de preço, a entrada das safras tende a gerar pressões temporárias, enquanto os intervalos entre colheitas podem favorecer recuperação das cotações. Os riscos climáticos associados ao *El Niño*, especialmente a irregularidade das chuvas no Norte e Nordeste e o excesso de umidade no Sul, aumentam a possibilidade de perdas de rendimento e qualidade, mantendo elevada a volatilidade do mercado em 2026/27.

TABELA 3. Quadro de suprimentos - Feijão

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	DEMANDA TOTAL	ESTOQUE FINAL
2022/23	202,1	3.036,7	69,0	3.307,8	2.850,0	139,0	2.989,0	318,8
2023/24	318,8	3.198,6	22,2	3.539,6	2.800,0	343,6	3.143,6	396,0
2024/25	396,0	3.059,9	13,2	3.469,1	2.700,0	533,2	3.233,2	235,9
2025/26	235,9	2.950,0	52,6	3.238,5	2.680,0	460,4	3.140,4	98,1
2026/27	98,1	2.930,8	67,1	3.096,0	2.650,0	310,5	2.960,5	135,5

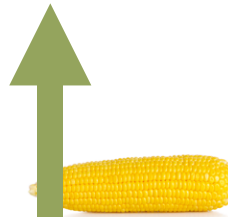
Fonte: Conab e Comexstat
Nota: * Projeção da safra 2026/2027
Em mil toneladas



MILHO

148 MILHÕES DE TONELADAS
PRODUZIDAS

+2,8%
em relação a 2025/26



ÁREA DE MILHO 1ª SAFRA DE

4,5 MILHÕES DE HECTARES

+10,7%
em relação a 2026

A safra 2025/26 de milho é a maior da série histórica. O expressivo crescimento da primeira safra e a expansão da área total compensaram a menor produtividade observada nas lavouras de segunda e terceira safras. Na segunda safra, principal componente da oferta nacional, o aumento do plantio não foi suficiente para evitar pequena redução da produção, diante das adversidades climáticas e do atraso de parte das operações.

A demanda doméstica mantém trajetória de expansão, impulsionada pela produção de rações e, principalmente, pelo crescimento da indústria de etanol de milho. Esse segmento passou a representar fonte estrutural de consumo, reduzindo a dependência do mercado exportador para o escoamento das safras. A produção de farelos, DDG, DDGS e óleo de milho também amplia a integração com as cadeias de carnes, embora não elimine o aumento líquido da demanda pelo cereal.

O consumo destinado à alimentação animal continua elevado, acompanhando o crescimento da produção de aves e suínos. Dessa forma, alterações nos preços do milho repercutem diretamente sobre os custos das proteínas animais. A safra ampla contribui para moderar essa pressão, mas a expansão simultânea do etanol, das exportações e da produção de carnes reduz o excedente disponível em relação ao volume total colhido.

As exportações deverão permanecer em patamar elevado, favorecidas pela disponibilidade do produto e pela competitividade brasileira. Mesmo assim, a concorrência com os Estados Unidos e a Argentina, o câmbio e os custos logísticos continuarão influenciando o ritmo dos embarques. Com o crescimento da demanda total por milho brasileiro em ritmo superior ao da produção nacional, estima-se que os estoques finais recuem 15,7 para 14,5 milhões de toneladas. Apesar da redução, esse volume ainda é considerado suficiente para garantir a segurança do abastecimento interno do grão no Brasil. Essa quantidade de estoque representa um cenário de segurança de abastecimento nacional.

No mercado interno, os preços apresentam recuperação mesmo durante a colheita. A retenção por parte dos produtores, a melhora da paridade de exportação, o atraso das operações e a necessidade de reposição dos consumidores sustentam as cotações. As preocupações com o fenômeno *El Niño* também passaram a influenciar as negociações, ao elevar a percepção de risco para a próxima temporada.

Para 2026/27, a área tende a permanecer elevada, com possibilidade de nova expansão. O potencial produtivo dependerá do calendário de plantio da soja e da janela disponível para a segunda safra. Um El Niño muito forte poderá provocar excesso de precipitações em algumas regiões e chuvas irregulares ou insuficientes em outras. Em condições normais, a oferta continuará ampla, mas o crescimento do etanol e das cadeias de proteínas animais deverá absorver parcela crescente da produção.

TABELA 4. *Quadro de suprimentos - Milho*

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.466,0	54.634,4	7.201,3
2023/24	7.201,3	115.534,6	1.644,7	124.380,6	84.106,2	38.500,9	1.773,5
2024/25	1.773,5	141.157,6	1.845,8	144.776,9	91.081,8	41.631,5	12.063,6
2025/26	12.063,6	144.009,6	1.700,0	157.773,2	98.203,0	43.916,2	15.654,0
2026/27	15.654,0	147.998,7	1.700,0	165.352,7	104.810,0	46.016,8	14.525,9

Fonte: Conab, Comexstat
Nota: * Projeção da safra 2026/2027
Em mil toneladas



SOJA

181,6 MILHÕES DE TONELADAS
PRODUZIDAS

+0,7%
em relação a 2025/26



A perspectiva para a safra brasileira de soja 2026/27 é de crescimento moderado da produção, combinado com um balanço de oferta e demanda mais ajustado. A área cultivada é estimada em 49,3 milhões de hectares, com ligeira expansão em relação à safra anterior, configurando o menor crescimento percentual dos últimos 20 anos. A expectativa de desaceleração da expansão decorre da redução das margens de rentabilidade e da menor atratividade econômica a partir da incorporação de novas áreas. Ainda assim, o crescimento de área é sustentado pela elevada liquidez da cultura, ampla inserção no mercado internacional e possibilidade de expansão sobre áreas agrícolas já consolidadas.

A produtividade média deverá apresentar ligeira redução, em função da elevada base de comparação da safra 2025/26, quando diversos estados registraram produtividades superiores em relação à série histórica, além dos riscos climáticos associados ao próximo ciclo.

No lado da demanda, projeta-se aumento das exportações de soja em grãos, sustentadas principalmente pela expectativa de manutenção das compras chinesas em níveis elevados. O crescimento dos embarques deverá ser limitado, entretanto, pela pequena expansão da oferta brasileira e pela maior concorrência da soja norte-americana, diante da perspectiva de produção elevada nos Estados Unidos em 2026/27. Paralelamente, o esmagamento doméstico também deverá crescer, impulsionado principalmente pela expectativa de aumento da demanda por óleo de soja para a produção de biodiesel em 2027. A

combinação entre crescimento reduzido da produção e avanço do consumo poderá resultar em redução significativa dos estoques finais brasileiros.

No mercado de derivados, uma eventual elevação da mistura obrigatória de biodiesel ao diesel deverá ampliar a demanda interna por óleo de soja, contribuindo para o crescimento do esmagamento e, simultaneamente, reduzindo a disponibilidade de óleo para exportação. Para o farelo de soja, projeta-se aumento tanto das exportações quanto do consumo doméstico. Dessa forma, embora a produção possa vir a superar o patamar consolidado das séries históricas anteriores, o crescimento da oferta deverá ser insuficiente para acompanhar a expansão conjunta das exportações e do processamento doméstico. O consequente recuo dos estoques tende a tornar o balanço brasileiro mais ajustado e a aumentar a sensibilidade do mercado a eventuais frustrações de produtividade ou alterações no ritmo da demanda internacional.

TABELA 5. *Quadro de suprimentos - Soja*

SOJA EM GRÃO							
SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SEMENTES/ OUTROS	EXPORTAÇÃO	PROCESSAMENTO	ESTOQUE FINAL
2022/23	9.549	159.154	181	3.369	101.870	52.612	11.034
2023/24	11.034	151.283	821	3.427	98.815	53.665	7.231
2024/25	7.231	171.481	969	3.639	108.181	57.886	9.975
2025/26	9.975	180.407	900	3.766	116.204	62.138	9.174
2026/27*	9.174	181.640	900	3.786	117.982	63.714	6.232
FARELO							
SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO	VENDAS NO MERCADO INTERNO	ESTOQUE FINAL	
2022/23	2.717	41.079	0	22.474	17.800	3.523	
2023/24	3.523	41.019	1	23.134	18.820	2.589	
2024/25	2.589	44.234	0	23.269	19.751	3.802	
2025/26	3.802	47.806	1	26.133	21.400	4.076	
2026/27*	4.076	49.041	1	27.100	22.078	3.940	
ÓLEO							
SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO	VENDAS NO MERCADO INTERNO	ESTOQUE FINAL	
2022/23	520	10.471	21	2.333	8.368	312	
2023/24	312	10.906	99	1.367	9.484	466	
2024/25	466	11.765	105	1.363	10.312	661	
2025/26	661	12.564	100	1.800	10.689	837	
2026/27*	837	12.770	100	1.400	11.652	655	

Fonte: Conab/Secex/ ANP/EPE/Abiove/Sidirações

Nota: em mil toneladas

* estimativa

ESTIMATIVAS POR PRODUTO E ESTADO

TABELA 6. Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - safras 2025/26 e 2026/2027

PRODUTO	ÁREA (EM MIL HA)			PRODUTIVIDADE (EM KG/HA)			PRODUÇÃO (EM MIL T)		
	SAFRA 25/26 (A)	SAFRA 26/27 (B)	VAR. % (B/A)	SAFRA 25/26 (C)	SAFRA 26/27 (D)	VAR. % (D/C)	SAFRA 25/26 (E)	SAFRA 26/27 (F)	VAR. % (F/E)
ALGODÃO - CAROÇO⁽¹⁾	2.018,4	2.092,6	3,7	2.910	2.817	(3,2)	5.874,2	5.894,5	0,3
ALGODÃO - PLUMA	2.018,4	2.092,6	3,7	2.053	1.986	(3,2)	4.143,8	4.156,7	0,3
ARROZ	1.516,7	1.529,8	0,9	7.303	7.032	(3,7)	11.076,2	10.756,8	(2,9)
FEIJÃO TOTAL	2.540,4	2.546,2	0,2	1.161	1.151	(0,9)	2.950,0	2.930,8	(0,7)
FEIJÃO 1ª SAFRA	793,0	808,4	1,9	1.228	1.192	(3,0)	973,9	963,5	(1,1)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.372,1	1.346,0	(1,9)	955	939	(1,6)	1.309,9	1.263,7	(3,5)
FEIJÃO 3ª SAFRA	375,3	391,8	4,4	1.775	1.796	1,2	666,2	703,6	5,6
MILHO TOTAL	22.600,5	23.702,4	4,9	6.372	6.244	(2,0)	144.009,6	147.998,7	2,8
MILHO 1ª SAFRA	4.100,7	4.540,5	10,7	7.191	7.071	(1,7)	29.487,8	32.105,1	8,9
MILHO 2ª SAFRA	17.824,9	18.484,0	3,7	6.291	6.126	(2,6)	112.130,8	113.234,7	1,0
MILHO 3ª SAFRA	674,9	677,9	0,4	3.543	3.922	10,7	2.390,9	2.658,9	11,2
SOJA	48.608,6	49.312,1	1,4	3.711	3.683	(0,8)	180.406,6	181.639,7	0,7
OUTROS	6.165,9	6.165,9	-	2.822	2.822	-	17.400,9	17.400,9	-
BRASIL ⁽²⁾	83.450,5	85.349,0	2,3	4.335	4.296	(0,9)	361.717,5	366.621,4	1,4

Fonte: Conab

Legenda: - 1) Produção de caroço de algodão; - 2) Exclui a produção de algodão em pluma

Nota: Estimativa em setembro/2026

CARNES





BOVINOS

11,4 MILHÕES DE TONELADAS
DE CARNE PRODUZIDAS EM 2027

-3,6%
em relação a 2026



Os resultados de 2026 indicam que a reversão do ciclo pecuário está ocorrendo de forma mais gradual do que se projetava inicialmente. O abate permaneceu acima do observado no ano anterior durante o primeiro semestre, sustentado pela disponibilidade de fêmeas, pelo aumento do peso médio das carcaças e pela maior utilização do confinamento. Assim, a esperada retração da produção ainda não se manifestou de forma intensa.

Apesar da continuidade do abate, a valorização de bezerros e animais de reposição indica redução da oferta nessas categorias. Esse movimento tende a estimular a retenção de matrizes, mas seus efeitos sobre a disponibilidade de animais terminados ocorrem com defasagem. Caso o abate de fêmeas permaneça elevado, a mudança do ciclo poderá ser adiada; se a retenção se consolidar, a redução da oferta tende a se tornar mais evidente em 2027.

As exportações registraram bom desempenho no primeiro semestre de 2026, tanto em volume quanto em receita. A demanda chinesa, os preços internacionais elevados e a abertura de mercados sustentaram os embarques. No início do segundo semestre, porém, verifica-se desaceleração, principalmente pela antecipação das compras chinesas e pelo avanço do preenchimento da cota estabelecida para o produto brasileiro.

A eventual ultrapassagem da cota chinesa poderá redirecionar parte dos embarques para outros mercados ou para o consumo doméstico, aumentando a concorrência entre fornecedores. Até o momento, contudo, não se observa formação de

um excedente capaz de provocar queda acentuada dos preços internos. Os elevados valores internacionais, a demanda de destinos alternativos e a oferta ainda ajustada de animais prontos para abate tendem a limitar esse efeito.

No mercado doméstico, o consumo permanece moderado e concentrado nos cortes de menor valor. A carne bovina perdeu competitividade em relação ao frango e à carne suína, principalmente entre os consumidores de menor renda. Essa substituição limita o repasse integral da valorização da arroba ao varejo, embora a perspectiva de menor oferta mantenha viés de sustentação para os preços.

Para 2027, a expectativa é de redução mais perceptível da disponibilidade de animais, à medida que a retenção de fêmeas avançar. Esse movimento tende a sustentar a arroba, reduzir a disponibilidade interna e ampliar a substituição entre proteínas. Este cenário, aliado às salvaguardas chinesas, contribui para uma nova dinâmica, na qual a busca por diversificação deve se colocar como premissa.

TABELA 7. *Quadro de suprimentos - Carne bovina*

ANO	REBANHO	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO	DISP. INTERNA	POPULAÇÃO	DISP. PER CAPITA
2023	238.620,9	9.494,2	50,1	3.029,8	6.514,5	204,1	31,9
2024	238.180,8	11.114,8	46,3	3.779,0	7.382,1	205,2	36,2
2025	229.384,9	11.933,9	55,0	4.529,6	7.459,2	206,2	36,0
2026*	226.258,6	11.841,9	60,0	4.731,4	7.170,5	207,1	34,6
2027*	216.902,0	11.413,3	59,7	4.834,5	6.638,4	208,2	31,9
VARIÇÃO 27/26	-4,1%	-3,6%	-0,5%	2,2%	-7,4%	0,5%	-7,9%

Fonte: Conab/IBGE/Secex

Nota: *estimativa

Rebanho em mil cabeças; Produção, importação, suprimento, exportação e disp. interna em 1000t equivalentes de carcaça; Disp. per capita em kg/hab/ano.



AVES

16,7 MILHÕES DE TONELADAS
DE CARNE PRODUZIDAS EM 2027

+ 2,4%
em relação a 2026



A produção de carne de frango manteve crescimento em 2026, embora os resultados mais recentes indiquem alguma acomodação em relação ao início do ano. O abate permaneceu acima do registrado no mesmo período de 2025, confirmando a expansão da oferta. A curta duração do ciclo produtivo permite ao setor ajustar rapidamente os alojamentos às condições de demanda e às margens da atividade.

O ano também consolidou a recuperação dos estoques granjeiros após as restrições comerciais provocadas pelo foco de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade identificado em 2025. A retomada dos mercados compradores, com o reconhecimento sobre a conformidade dos protocolos sanitários, permitiu recompor os embarques. A experiência reforçou a importância da biossegurança e da negociação de mecanismos de regionalização, capazes de limitar futuros embarcos às áreas efetivamente afetadas.

As exportações voltaram a apresentar ritmo elevado, favorecidas pela competitividade brasileira, pelo câmbio e pela diversidade de destinos. O crescimento recente também reflete a base reduzida de comparação de 2025, quando diversos mercados restringiram temporariamente as compras. Ainda assim, o desempenho confirma a capacidade do setor de recuperar mercados e redirecionar vendas.

No mercado interno, os preços iniciaram o segundo semestre 2026 pressionados pela demanda enfraquecida, mas passaram a reagir com o recebimento dos salários, a retomada das atividades escolares e o ajuste dos estoques. A carne de

frango permanece como a proteína mais acessível e tende a ganhar participação diante da valorização da carne bovina. Essa característica faz com que o produto exerça papel relevante na moderação da inflação do grupo carnes do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA).

A ampla disponibilidade de milho e farelo de soja contribuiu para manter os custos de alimentação relativamente controlados. Entretanto, a recente valorização dos grãos e o risco climático para 2026/27 exigem atenção. Uma eventual quebra de safra em milho ou soja elevaria os custos de produção, podendo limitar a expansão dos alojamentos, ainda que a utilização de coprodutos do etanol de milho ofereça alternativa crescente para as formulações de ração.

Para 2027, espera-se continuidade do crescimento da produção, mas em ritmo moderado e ajustado à evolução das exportações. A demanda doméstica deverá ser favorecida pela substituição da carne bovina. Os principais riscos permanecem relacionados aos custos de alimentação, ao câmbio e à sanidade avícola, enquanto a diversificação dos mercados e a regionalização sanitária serão fundamentais para reduzir a volatilidade do comércio.

TABELA 8. *Quadro de suprimentos - Frango*

ANO	ALOJAMENTO DE PINTOS DE CORTE (MILHÕES DE CABEÇAS)	PRODUÇÃO DE CARNE DE FRANGO (1.000 T)	IMPOR- TAÇÃO (1.000 T)	EXPOR- TAÇÃO (1.000 T)	DISPONIBILI- DADE INTER- NA (1.000 T)	POPULAÇÃO (MILHÕES DE HABITANTES)	DISPONIBILIDA- DE PER CAPITA (KG/HAB./ANO)
2023	6.876,0	14.851,0	2,1	5.009,3	9.843,8	204,1	48,2
2024	7.139,1	15.260,9	5,1	5.156,6	10.109,4	205,2	49,3
2025	7.381,0	15.818,6	4,2	5.161,2	10.661,6	206,2	51,7
2026*	7.573,4	16.308,6	4,2	5.756,5	10.556,3	207,1	51,0
2027*	7.669,6	16.697,1	5,0	5.804,2	10.897,8	208,2	52,4
VARIAÇÃO 27/26	1,3%	2,4%	19,0%	0,8%	3,2%	0,5%	2,7%

Fonte: Conab/Secex/Apinco

Nota: *estimativa

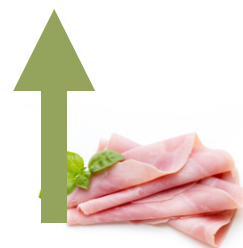
Alojamento em milhões de cabeças, Produção, importação, suprimento, exportação e disp. interna em 1000t, Disp. per capita em kg/hab/ano.



SUÍNOS

6,1 MILHÕES DE TONELADAS
DE CARNE PRODUZIDAS EM 2027

+ 3,7%
em relação a 2026



A produção de carne suína manteve trajetória de crescimento em 2026, acompanhando a expansão do plantel de matrizes e os ganhos de produtividade. Os resultados de abate confirmam o aumento da oferta, mas a demanda doméstica e as exportações não cresceram na mesma intensidade. Dessa forma, a disponibilidade interna tornou-se superior à inicialmente projetada.

A expansão do plantel, observada nos últimos anos, passou a exercer pressão sobre o mercado. Os preços do suíno vivo acumularam sucessivas quedas e alcançaram, em termos reais, um dos menores patamares das últimas décadas em algumas regiões. Mesmo com custos de alimentação relativamente favoráveis, a redução das receitas comprimiu as margens, principalmente dos produtores independentes.

As exportações tiveram desempenho expressivo no primeiro semestre 2026, apoiadas pela diversificação dos destinos asiáticos. As Filipinas ampliaram sua participação e superaram a China entre os principais compradores, enquanto Japão, Coreia do Sul, Singapura e outros mercados também ganharam importância. Entretanto, os embarques perderam ritmo entre junho e julho, após a formação de estoques pelos compradores asiáticos, reduzindo temporariamente a capacidade de absorção da oferta brasileira.

No mercado doméstico, a carne suína permanece competitiva diante da carne bovina, o que favorece a substituição entre proteínas. Essa vantagem, contudo, ainda não foi suficiente para absorver integralmente o aumento da produção. A ampliação do consumo dependerá da recuperação da renda, da maior presença dos cortes no varejo e de estratégias capazes de reduzir a concentração sazonal das vendas.

Para 2027, o reequilíbrio da cadeia deverá exigir moderação no crescimento dos alojamentos e continuidade da expansão dos mercados externos. Como as decisões relacionadas às matrizes demoram a repercutir sobre o abate, a disponibilidade elevada poderá persistir durante parte do próximo ano. Uma retomada das compras asiáticas, acompanhada de eventual encarecimento da carne bovina, contribuiriam para reduzir esse excedente, assim permitindo a recuperação dos preços.

O comportamento dos custos de alimentação continuará sendo determinante para as margens. A depender de sua magnitude, as consequências do fenômeno *El Niño* podem elevar a volatilidade dos preços do milho e do farelo de soja, enquanto o câmbio influencia simultaneamente as exportações e o custo de insumos. Assim, a perspectiva é de crescimento mais moderado, condicionado à capacidade de ajuste da oferta e à recuperação da demanda interna e externa.

TABELA 9. *Quadro de suprimentos - Carne suína*

ANO	REBANHO	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO	DISP. INTERNA	POPULAÇÃO	DISP. PER CAPITA
2023	43.124,2	5.298,6	17,0	1.211,7	4.103,9	204,1	20,1
2024	43.914,8	5.358,9	19,3	1.322,3	4.055,9	205,2	19,8
2025	44.564,4	5.656,0	16,3	1.488,4	4.183,9	206,2	20,3
2026*	45.346,7	5.926,7	21,5	1.585,0	4.363,2	207,1	21,1
2027*	46.096,9	6.148,3	22,4	1.652,2	4.518,5	208,2	21,7
VARIAÇÃO 27/26	1,7%	3,7%	4,2%	4,2%	3,6%	0,5%	3,0%

Fonte: Conab/IBGE/Secex

Nota: *estimativa

Rebanho em mil cabeças; Produção, importação, suprimento, exportação e disp. interna em 100ot equivalentes de carcaça; Disp. per capita em kg/hab/ano.

